

797

## A LIGA ACADÊMICA DE FITOTERAPIA E O PROJETO “CHÁ METODOLÓGICO”

F.A.O. Silva, F.I.C. Silva, I.L. Soares, M.A.M. Bandeira

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil



**Introdução:** Uma liga acadêmica se baseia no tripé ensino, pesquisa e extensão e tem como papel fundamental a prestação de serviço à comunidade externa, divulgação científica por meio das pesquisas realizadas e a capacitação dos membros a fim de gerar discussões e fomentar o senso crítico destes. Pensando nisso a Liga Acadêmica de Fitoterapia (LAFITO) da Universidade Federal do Ceará criou o projeto intitulado “Chá Metodológico”, no qual são realizadas reuniões periódicas entre os membros com intuito de discutir artigos científicos que relacionem plantas medicinais a outras áreas clínicas tais como, imunologia, hematologia, bioquímica, entre outras. **Objetivo:** D

descrever a construção e realização do projeto “Chá Metodológico” desenvolvido pela LAFITO, bem como seu funcionamento e contribuições a sociedade.

**Métodos:** Para a realização do projeto montou-se inicialmente um escopo que fornecia orientações gerais, bem como os pontos e aspectos principais a serem abordados, e as metas que deveriam ser alcançadas ao final da reunião. Como materiais didáticos foram utilizadas mídias digitais, e plataformas on-line.

**Resultados:** Os artigos apresentados sempre englobavam descritores como “fitoterapia”, “plantas medicinais”, e utilização destes em áreas clínicas, durante as discussões os membros procuravam observar as técnicas usadas nos estudos, suas aplicações e utilidades em alguns tratamentos. Ao final da apresentação, cada membro dava seu feedback sobre o artigo e lançava uma ideia que impulsionasse a criação de projetos futuros. Além disso, no final das reuniões, os ligantes prepararam um material correspondente ao artigo apresentado e divulgaram nas mídias sociais, a fim de democratizar e tornar público o conhecimento científico.

**Conclusão:** É notória a importância do projeto chá metodológico na formação dos estudantes, garantindo uma maior autonomia na formação acadêmica e na facilitação da divulgação científica à comunidade, mostrando que por meio da ciência é possível trilhar um caminho para o futuro.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.799>

798

## A REALIZAÇÃO DE MESA REDONDA SOBRE O TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA: CONVERSANDO E ENTENDENDO O ASSUNTO

D.Z.F. Alencar, A.V.A. Araujo, E.R. Lima, E.R.M. Gurgel, F.M. Arruda, L.G. Albuquerque, I.S.A. Mesquita, G.B. Lima, L.S. Barros, F.W.R.D. Santos

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, CE, Brasil



**Introdução:** Há décadas, o transplante de medula óssea tem se tornado um procedimento terapêutico mais seguro e eficaz no tratamento de doenças hematológicas potencialmente fatais. Após a escolha desse método, inicia-se uma busca, muitas vezes árdua, por um doador compatível, pois a combinação de genes do doador e do paciente deve ser idêntica (100%) ou muito próxima do ideal (90%). No Brasil, apesar do aumento progressivo no número de doadores de medula, de 1 milhão em 2009 para 5 milhões em 2020, a quantidade ainda é baixa para suprir a demanda nacional de transplantes. São muitas as campanhas realizadas pelo Registro Nacional de Doadores (REDOME), porém motivos, como o medo e a falta de informação, impedem o cadastro de inúmeros doadores em potencial.

**Objetivos:** Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida por acadêmicos de Medicina em uma mesa redonda composta por doadores e transplantados de medula óssea, buscando esclarecer dúvidas sobre o processo de transplante e incentivar o cadastro para doação.

**Relato da experiência:** A mesa redonda foi realizada via videoconferência pelo Google Meets, transmitida ao vivo para o público geral pelo Youtube, em março de 2020 com duração de duas horas. A mesa foi composta por um hematologista, um doador de medula e três receptores de transplante. O encontro iniciou-se com 20 minutos para o relato da história de vida de cada um dos participantes. Os receptores de transplante narraram desde o momento de descoberta do diagnóstico até a trajetória percorrida durante o tratamento quimioterápico, a busca por um doador compatível e o transplante. Enquanto o participante doador de medula óssea trouxe sua experiência de ser acionado, do procedimento de coleta e o posterior momento de encontro com o paciente que foi beneficiado com a sua doação. Posteriormente, houve espaço para perguntas e respostas, que poderiam ser direcionadas a todos os membros da mesa. Foi evidente a quantidade de dúvidas acerca do procedimento em si, tanto da doação de medula quanto o processo de transplante, quais os tipos de transplante, quais as pessoas aptas a passar por um transplante e quais os principais riscos do procedimento. Além disso, houve grande interesse em como havia sido as qualidades do cuidado médico com esses pacientes e seu papel no processo de tratamento. Durante a transmissão da mesa, notou-se a participação significativa dos espectadores, com um total de 132 visualizações do conteúdo.

**Reflexão de experiência:** Por meio da experiência vivida, foi possível refletir a nobreza do gesto de doação e o quanto isso significa para o paciente que recebe o transplante. Ademais, o impacto de uma postura de empatia e cuidado do profissional de saúde na percepção do doente sobre seu processo de adoecimento e tratamento. Observou-se, também, a necessidade da desmistificação do processo de se tornar um candidato a doação de medula óssea entre a população geral.

**Conclusão:** É evidente que ações como a realizada no presente relato são relevantes no tocante da conscientização da população sobre a questão do transplante de medula óssea, além de retratar a realidade dos pacientes que necessitam de tal tratamento. Desse modo, fomenta-se maior mobilização social diante da causa, visando a popularização do cadastro

no REDOME, tornando assim o transplante de medula óssea uma alternativa terapêutica mais acessível.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.800>

799

### ADAPTAÇÕES NAS PRÁTICAS DA LIGA ACADÊMICA DE HEMATOLOGIA DE PERNAMBUCO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

I.P. Serur<sup>a,b</sup>, G.C. Nascimento<sup>a,b</sup>, I.C.V. Piscoya<sup>a,b</sup>, G. Veras<sup>a,b</sup>, C.C.C. Melo<sup>a,b</sup>, G.O.M. Soares<sup>a,b</sup>, M.F.M. Araújo<sup>a,b</sup>, J.O. Vieira<sup>b,c</sup>

<sup>a</sup> Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, PE, Brasil

<sup>b</sup> Liga Acadêmica de Hematologia de Pernambuco (LAHEPE), Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, PE, Brasil

<sup>c</sup> Centro de Oncologia do Hospital Universitário Oswaldo Cruz (CEON/HUOC), Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, PE, Brasil

**Objetivos:** Em meio à pandemia de COVID-19, a Liga Acadêmica de Hematologia de Pernambuco (LAHEPE) enfrentou desafios para seguir seu cronograma de atividades, tendo a necessidade de adaptação ao contexto de exceção, com o objetivo de garantir a segurança de seus ligantes. Este é um relato da experiência de como uma liga acadêmica pode se reinventar e manter em atividade respeitando o isolamento social. **Resultados:** Desde o mês de março de 2020, a LAHEPE teve suas atividades presenciais interrompidas devido à pandemia de COVID-19. Os ligantes tiveram que se ausentar dos ambulatórios de hematologia do Centro de Oncologia do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, visto que o mesmo se tornou referência para o atendimento de casos de COVID-19 na cidade de Recife – PE. A partir de então, foram criadas formas de manter as atividades acadêmicas. As videoconferências por meio de aplicativos da web permitiram realizar reuniões para organizar as atividades dos membros e para a realização de aulas sobre temas da hematologia clínica e pediátrica, com seguimento do cronograma de atividades. Além disso, foram selecionados artigos recentes sobre relatos de casos da área para serem debatidos em grupo, como um clube de revista. Os projetos de extensão sobre anemia e doação de medula óssea foram realizados por meio de postagens nas mídias sociais, apresentando um engajamento significativo, além de interação do público, que pode tirar dúvidas e participar de questionários sobre os temas. Para dar seguimento aos projetos de pesquisa, foram utilizados formulários eletrônicos, com o fim de coletar dados epidemiológicos, bem como caracterizar o perfil do conhecimento dos estudantes de medicina acerca da doação de medula óssea, possibilitando a utilização dessas informações para composição de um estudo epidemiológico. **Discussão:** Frente à atual pandemia, universidades em todo o mundo adiaram ou cancelaram seus eventos presenciais, tomando medidas intensivas para prevenir e proteger os alunos e funcionários do Coronavírus. Embora compreendam a gravidade da pandemia, dentre as grandes frustrações dos que tiveram suas atividades

acadêmicas interrompidas incluem sentir-se improdutivos e menos ativos. Em todo o mundo, professores e alunos tiveram que adaptar-se à plataformas on-line para realização de suas atividades acadêmicas durante este momento extremamente difícil. Dessa maneira, a LAHEPE conseguiu manter-se ativa e seguir com seu cronograma de atividades, priorizando o isolamento social e a saúde mental dos ligantes. Para tanto, foi necessário realizar modificações e nos meios de comunicação, cancelando as atividades presenciais e fazendo uso de meios digitais. Mesmo com as atividades ambulatoriais suspensas, foi possível manter o aprendizado sobre a hematologia, que, no contexto, mostrou-se uma fonte importante de conhecimento sobre as complicações do COVID-19. Assim, as ferramentas como videoconferências e mídias sociais permitiram a atualização e aprendizado, mantendo o tripé ensino, pesquisa e extensão. Além de incentivar a produtividade dos ligantes, a LAHEPE foi um espaço de acolhimento em uma época de incertezas, impactando positivamente na saúde mental. **Conclusão:** É possível a adaptação das ligas acadêmicas às demandas do isolamento social ocasionado pela pandemia, flexibilizando suas atividades, ajustando-se às ferramentas tecnológicas e, por conseguinte, proporcionando o contato social, a saúde mental e a produtividade dos acadêmicos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.801>

800

### ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR LINFOMAS NO ESTADO DO MATO GROSSO DE 2015 A 2019

J.R. Borges, K.N.S. Braz, F.C.F. Guerra, S.R.F. Salmeron, R.F.D. Santos, B.S. Tanaka, D.T.R.R. Lima, A.L. Yanai, P. Alegranci, A.M. Alessio

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Sinop, Sinop, MT, Brasil

**Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos óbitos por linfomas no estado do Mato Grosso de 2015 a 2019. **Materiais e métodos:** Trata-se de um estudo transversal retrospectivo. Os dados foram coletados no sistema da base de dados da Secretaria de Estado de Saúde do Mato Grosso, seguindo a Resolução do Conselho Nacional de Saúde número 510/2016 referente à ética em pesquisa. Os resultados tabulados foram analisados no programa Excel e os dados expressos em frequências relativas e absolutas. **Resultados:** Foram registrados 302 óbitos, dos quais 207 (68,54%) por linfoma não Hodgkin de outros tipos e tipo não especificado, 40 (13,25%) linfoma não Hodgkin difuso, 29 (9,60%) linfoma de Hodgkin, 14 (4,64%) linfoma de células T cutâneas e periféricas e, 12 (3,97%) linfoma não Hodgkin folicular. Quanto ao sexo, foram 184 (60,93%) masculino e 118 (39,07%) feminino. A maioria dos óbitos concentrou-se acima de 55 anos representando 195 (65,2%) casos. Quanto a divisão por cor/raça, a distribuição foi 159 (52,7%) parda, 122 (40,4%) branca, 17 (5,6%) preta, 3 (1%) indígena e 1 (0,3%) não identificado. Quanto ao ano de notificação dos óbitos, 62 (20,52%) em 2015; 56 (18,54%) em 2016; 58 (19,20%) em 2017; 60 (19,86%) em 2018; e 66 (21,85%) em 2019. Quanto a macrorregião da residência, 187 (61,9%) centro-norte, 41 (13,6%) norte, 29 (9,6%) sul, 27